

TRÊS POR QUATRO

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO DA FABICO - UFRGS
PORTO ALEGRE, MARÇO DE 1998 - Nº 3

Davi Alcântara

DROGAS NA FACULDADE



A comunidade acadêmica desaprova, mas o consumo de drogas ilícitas ocorre livremente na Fabico

Páginas 4 e 5

OPINIÃO

O jornal laboratório de todos os alunos

Página 3

PAREDÃO

Guilherme Portanova



Os projetos e a carreira do jornalista, professor e pesquisador Geraldo Canali

Página Central

Fabico Futebol Clube

Rosimara de Cássia



Garotas foram o grande charme do torneio de futebol sete da faculdade

Páginas 8 e 9

EDITORIAL

Corrida à luz de velas

Quando o mestre disse que a turma era uma das que tinha mais alunos com pinta de profissional, pareceu ter emitido um elogio. Não importa se outras turmas também ouviram o mesmo nos demais semestres. Foi um elogio que deixou um aroma desafiador no ar. Pode não ter sido esta a intenção do mestre, mas a questão remete a reflexões sobre o ensino na Fabico. Uma delas é a preparação dos futuros jornalistas. Afinal de contas, pelos trabalhos acadêmicos produzidos até agora, é possível afirmar se os alunos estão preparados para encarar a profissão ou deve-se aguardar a avaliação das famigeradas monografias?

É sempre assim. No final do

curso os veteranos estão correndo. Correm atrás de uma grande idéia, de um estágio de trabalho, de um computador emprestado, de uma biblioteca aberta para fazer pesquisas, de um orientador menos atarefado. A turma

Três por Quatro

correu atrás de coisas que se olha e não se vê.

As três edições procuraram repercutir no corpo das matérias a Fabico dentro e fora das suas paredes limítrofes. Menos jornal laboratório e mais integração com a comunidade fabicana. Sem seguir um caráter institucional, nunca o jornal colocou tanto em evidência a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação: seus per-

sonagens, suas crias famosas, os movimentos e as omissões, os descontentes, os conformados e os vencedores.

É certo, porém, que contamos com um dos semestres mais agitados dos últimos anos na Fabico: o surgimento do MAI, o Erecom 97, fechamento de espaços de lazer, o campeonato de futebol promovido pelo Carlos do bar. Isso tudo

inserido num contexto político em que as as verbas do Governo para a Universidade são gradativamente suprimidas. Estudar numa universidade pública, onde se confrontam os mais diferentes interesses nos bastidores, é como participar de uma corrida com

bastão, iluminada apenas pelo clarão de velas. Ninguém quer estar aqui quando a luz se apagar.

Seguimos todos apressados, cada um perseguindo a sua meta. Mas a soma das partes não resulta num todo coeso. E se alguém não puder aceitar o chapéu com jeito de quem tem pinta de profissional é porque admite que há muito por aprender e praticar. Nesse sentido, urge que a formação dos futuros jornalistas se torne mais dinâmica e participativa logo no início do curso. A turma do 3X4 97/2 se despede ainda propondo questões e consciente de que poderia, se fosse o caso, fazer um jornal totalmente diferente e, talvez, até melhor. Nunca estamos satisfeitos.

Seguimos todos apressados, cada um perseguindo sua meta

OPINIÃO

O jornal de todos os fabicanos

MARCO SOUZA

O editor-chefe do Jornal Nacional, Mário Marona, o diretor de redação de Zero Hora, Marcelo Rech, e o produtor do programa Jô Soares Onze e Meia, Adrian Alexandri, são filhos da Fabico. Um dia eles participaram do **Três por Quatro**. A experiência de participar de um jornal laboratório é gratificante. Na Fabico, quando chegam ao sétimo semestre, os alunos têm esta bela oportunidade. Mas será que o penúltimo semestre do curso de Jornalismo é o mais indicado para um processo tão rico, que envolve tantas discussões, e que pode vir a corrigir tantos erros?

Chegado o final do curso, os professores se deparam com dois tipos diferentes de alunos. De um lado, os que já estão encaminhados, os que conhecem as redações, os que vivem a pressão do dia-a-dia de um meio de comunicação. De outro lado, os que nunca experimentaram nada fora dos limites da faculdade, os que não possuem nenhuma experiência no mercado de trabalho. Enfim, enquanto os primeiros usam o jornal para apresentar seus textos enxutos e bem acabados, os do segundo grupo acabam usando o tempo para correr atrás do um prejuízo de seis semestres. O resultado inicial de seus textos é insatisfatório e quando estão começando a entender o processo chega o final do semestre, o que acaba com a possibilidade de algum progresso para estes alunos.

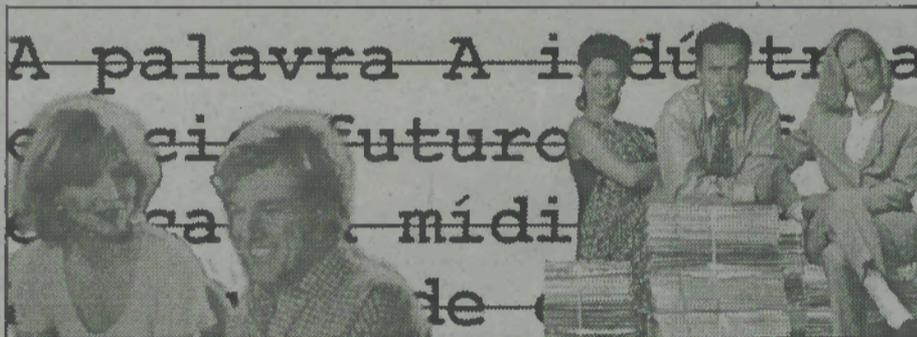
A criação de um jornal envolvendo todos os semestres talvez amenizasse este risco. Os alunos do

sétimo semestre seguiriam responsáveis pela criação do jornal, mas os outros semestres envolvidos nas cadeiras de Redação Jornalística também participariam da produção. Os semestres do início do curso seriam responsáveis por pequenas notas, crônicas, ilustrações e fotos (os assuntos presentes nas súmulas de cada semestre de Jornalismo). O número de páginas e a periodicidade do jornal poderiam aumentar, sem mencionar a qualidade que seria fator decisivo no momento da escolha de cada um dos textos. Só os melhores seriam publicados. Os talentos seriam descobertos e apoiados desde cedo. Os alunos teriam uma maior relação e os professores uma oportunidade de oferecer uma situação quase real a cada encontro.

Se é um sonho impossível, só a experimentação pode nos responder com exatidão. A direção da faculdade, que ao longo do semestre demonstrou uma clara disposição de melhorar o curso, tem nesta idéia apresentada uma chance de realmente ousar buscando uma sensível melhoria. Uma inovação. Um verdadeiro salto de qualidade. As professoras Ana Maria Barros Pinto – que possui um projeto a este respeito – e Rosane Tremea – que fez um jornal com os alunos do sexto semestre – simpatizam com a idéia. Imaginem se os três citados lá na abertura e mais uma infinidade de ex-fabicanos bem-sucedidos que povoam as redações dos grandes meios de comunicação brasileiros tivessem experimentado não apenas um, mas dois, três ou quatro laboratórios?

A espera do grande dia

Paulo Antunes



BÁRBARA MIEBACH*

Às vezes me pergunto o porquê de ter escolhido ser jornalista, de escrever me parece algo tão complicado. Talvez seja porque, como a maioria das pessoas, tenha uma certa predileção por desafios. Talvez seja simplesmente por considerar a escrita – além de melhor invenção da humanidade – o único momento em que o ser humano pode ser completamente sincero.

Quando encontro tal razão para minha escolha me deparo com uma contradição: se o que motiva meu desejo de ser jornalista é a facilidade em ser franca com as palavras, não posso ser jornalista. O jornalista deve ser o mais imparcial possível com os acontecimentos. Ouço isso exaustivamente. E ainda que muitos profissionais concordem que a idéia de imparcialidade é utópica, isso é o que o leitor nos exige. Ou seja: é antagonismo puro.

De repente, ao entrar na faculdade, nos deparamos com teorias e mais teorias. Ainda atordoados com os tão esperados e temidos trotes, ouvimos alguém repetindo freneticamente: “O meio é a mensagem”. E

ainda: “A indústria cultural não é a indústria cinematográfica”. Tudo bem, seguimos em frente. Mais tarde descobrimos o *lead* e, junto com ele, o anseio por escrever. Mas não um escrever qualquer, queremos um escrever diferente, direcionado a alguém que deseja somente os fatos. Sem rodeios quer saber: quem, o que, onde, quando, como e por quê? E como, com esta formulazinha mágica, o tal de *lead*, podemos ousar considerar difícil escrever sem opinar? Como? Se nós, estudantes de Jornalismo, infelizmente – ou felizmente – já nascemos com opinião formada até para o mais remoto dos assuntos.

Por estas razões me pergunto: quantos de nós chegaremos lá? Precisamos de talento, técnica ou prática. Vontade, conhecimento ou oportunidade. Afinal, quando irá chegar o grande dia em que nos sentiremos prontos para informar, noticiar e construir uma imagem de credibilidade? Oito semestres serão suficientes? Por enquanto, não faço a mínima idéia de como ou quando isso vai acontecer. E daí, alguém arrisca um palpite?

* estudante do terceiro semestre de Jornalismo

FILHOS DA FABICO

Agência RBS



A editora-chefe Marta Gleich lembra com saudades dos tempos de faculdade

As damas de ferro das redações

MARCO SOUZA e
ANA PAOLA REGINATTO

A palavra faculdade está no feminino. A palavra Fabico também está no feminino. Uma conjunção de fatores que não pode ser encarado como mera coincidência. Elas fizeram e continuam fazendo a história com um tom bem mais charmoso. Dois exemplos. Marta Gleich e Eleonora de Lucena pertencem a maravilhosa espécie, comandam dois dos maiores jornais do país, e o mais importante: são filhas da Fabico.

Marta Gleich viveu a Fabico de 1982 a 1985. Lembra com saudade daqueles tempos. Prefere não citar nenhum mau professor, ressalta a nobreza da profissão e lembra dos bons professores com os quais teve contato. Sérgio Caparelli, Paulo Guedes, Pedro Maciel, Maria Helena Weber e Wallace Lehnemann são mencionados como ótimos profissionais do ensino de Jornalismo. Em relação aos pontos negativos do curso, Marta reclama das dificuldades com laboratórios sem equipamentos adequados e da infelicidade de ter cursado o currículo antigo.

Hoje, depois de ter passado pela editoria de Geral em Zero Hora como repórter e editora-executiva, ocupa o segundo cargo mais alto na hierar-

quia da redação de ZH. Marta é editora-chefe. Fazendo um balanço dos anos que desfilou pela Fabico se posiciona, positivamente, em relação ao resultado deste aparente sacrifício. Num balanço final, declara sua realização: "entre outras coisas, descobri que o jornalismo é a melhor profissão do mundo e isso vale totalmente a pena".

Eleonora de Lucena viveu a Fabico de 1976 a 1980. Ainda em Porto Alegre, foi militante do MR-8, atuou no Coojornal e na editoria de Geral, em Zero Hora. Em ZH foi chefiada por Wladimir Ungaretti. Seguiu para São Paulo e trabalhou na Gazeta Mercantil e na revista Banas, até chegar à Folha de São Paulo em 1983.

Ingressou no jornal mais respeitado do país participando como colaboradora do recém-criado Caderno de Informática. Já em 1984 foi contratada para a função de redatora na editoria de Economia. Logo depois passou à editora-assistente de agropecuária, editora de economia e finalmente, em 1991, secretária de redação. Dos anos na Fabico, acredita que aprendeu muito apesar da superficialidade dos assuntos abordados e a dificuldade com equipamentos e laboratórios. Quando perguntada sobre o que marcou sua vida acadêmica, rapidamente, lança uma resposta apaixonada: "na Fabico eu conheci a minha profissão e o meu marido, isso torna a faculdade inescusável para mim".

ENSINO

LUCIANO MEDINA

Você gostaria de ver a Universidade Federal privatizada? Pagar mensalidade? Não? Então se intere da PEC 370. Esta sigla pode salvar ou sepultar o ensino público no Brasil.

A sigla e o número dão nome a proposta de emenda constitucional do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Se aprovada pelo Congresso ela altera a administração das universidades, dando mais autonomia as entidades de ensino superior federais, mas retirando gradativamente do governo a obrigação de custear o ensino superior.

Não faltam argumentos do governo em defesa da proposta. O Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, em entrevista a revista Newsweek, defende o investimento prioritário em educação básica e justificou: "Por muito tempo o Brasil desenvolveu as melhores instituições de ensino superior da América Latina". E ainda foi mais elucidativo: "O mundo mudou e o Brasil é uma economia aberta, globalizada e neste momento toda a população precisa estar educada para competir," profetizou. O presidente do Banco Central, Gustavo Franco, também defende a idéia: "Não tem cabimento este tipo de gratuidade para a elite", declarou ao jornal Folha de São Paulo.

A PEC 370 prevê que as universidades federais possam determinar como utilizar o dinheiro que recebem do MEC. Atualmente o Governo Federal determina quanto tem que ser investido e a as áreas específicas. Também está previsto que as universidades poderão optar por ter outras fontes de renda como receber dinheiro de empresas em troca de pesquisas. Outra possibilidade emergente é a cobrança de mensalidades nos cursos de "menor contribuição social".

Para o presidente do DCE (Diretório Central dos Estudantes) da UFRGS, Jair Otharan, a PEC 370 "vai privatizar a universidade pública, mas não nos moldes da privatização da Va-

le do Rio Doce, com leilão". Otharan, que se posiciona contra a proposta, diz que a PEC 370 vai privatizar o conhecimento. Para o presidente do DCE, o conhecimento será vendido para as empresas. "Elas vão financiar a pesquisa e assim, monopolizarão conhecimentos ou tecnologias desenvolvidas dentro da universidade", alertou.

Mesmo com todos estes sinais de que o ensino superior gratuito pode estar chegando ao fim, os alunos não parecem estar muito preocupados com isso. Não existe nenhum movimento organizado pelos alunos contra a privatização. Em levantamento realizado entre 30 estudantes da Fabico, 93% são contra o pagamento de mensalidades, 90% entendem que mais autonomia para as universidades federais é benéfico, não associando a autonomia a uma forma de privatização, 20% dos alunos é a favor da taxa de matrícula e 91% dos alunos entrevistados nunca ouviu falar de PEC 370.

Rodrigo Souto, 21 anos, aluno da Fabico, é a favor de mais autonomia. Ele argumenta: "Existem muitos departamentos dentro da Fabico que estão parados e perdendo dinheiro que poderiam ganhar fazendo trabalhos para fora e por questões políticas não o fazem". Caio Jobim, 21, também aluno da Fabico, defende a autonomia: "a Universidade tem que gerar seus próprios recursos para poder reinvestir nela, o governo não tem dinheiro para investir".

A preocupação com a qualidade de ensino é grande. 96% dos alunos entrevistados consideram o ensino universitário privado melhor do que o público. Qual a solução para a qualidade de ensino? Muitos alunos acreditam que mais autonomia e auto-gestão seria benéfico para a universidade pública. Em contrapartida, poucos percebem que o governo pode utilizar a autonomia como ponto de partida para algum tipo de privatização da Universidade Federal. A maioria dos alunos não admite pagar mensalidade e concorda em um desejo: a qualidade do ensino precisa melhorar.

TRÊS POR QUATRO

Jornal laboratório produzido pelos alunos da disciplina de Redação IV do Curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

REDATORES:

Ana Paola Reginatto, Andréa Pelc Prestes, Davi Nunes de Alcântara, Felipe Bortolanza, Guilherme Portanova, Ivana Verle, José Luis Moreira, Juli Manzi, Leoleli Camargo, Luciano Medina, Marcel Ferreira, Marco Souza, Paulo Antunes, Roberta Abreu, Rosângela Coelho, Rosimara de Cássia

PROFESSOR RESPONSÁVEL:

Ana Maria Barros Pinto

*DIAGRAMAÇÃO:

Andréa Pelc Prestes e Paulo Antunes

ILUSTRAÇÕES:

Daniel Vidor, José Antonio Borba e Paulo Antunes

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:

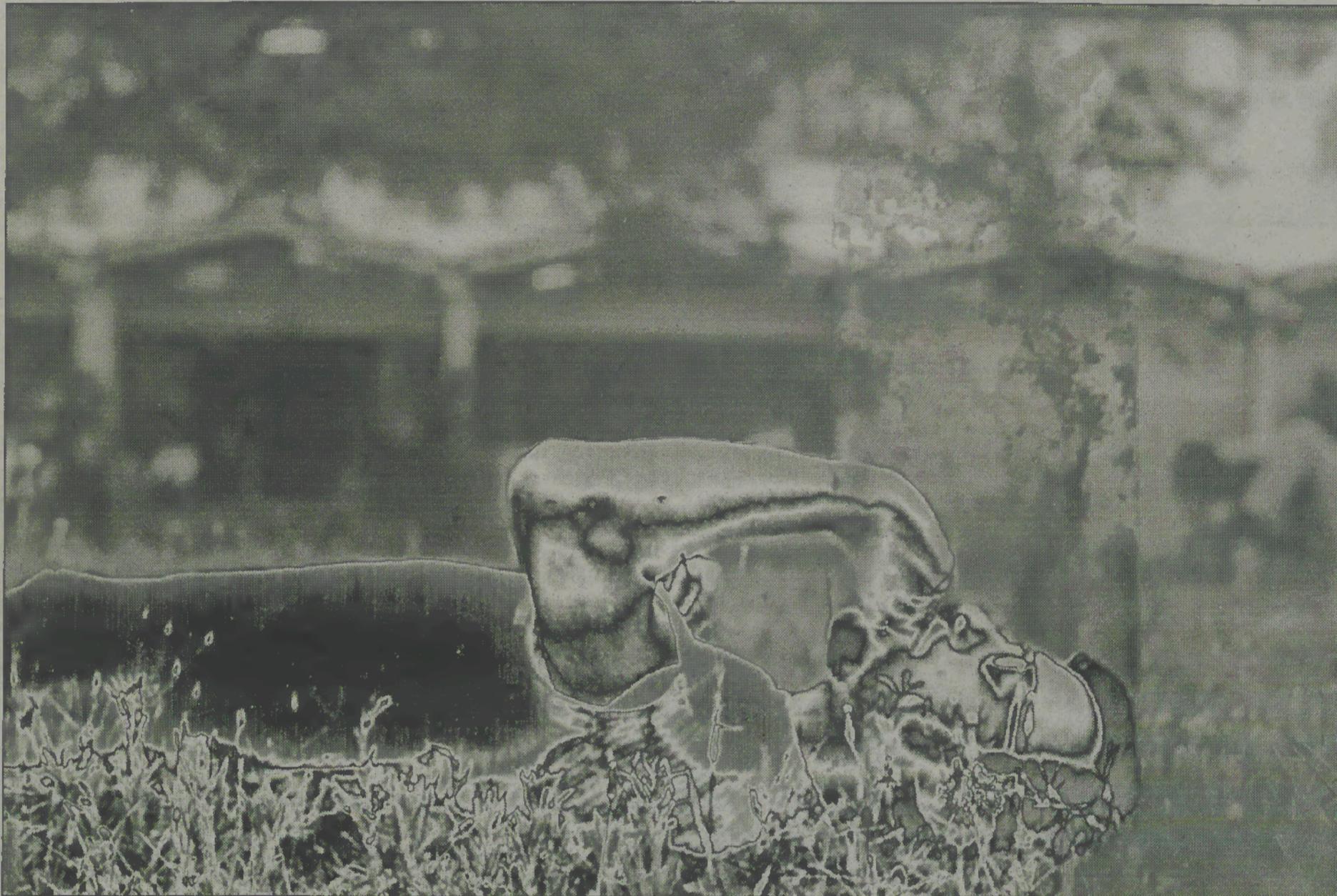
Agência RBS
(pela foto cedida).

FABICO
Ramiro Barcellos, 2705
CEP: 90035-007
Fone 316-5132

Queimando tudo

Mesmo com oposição, os alunos consomem drogas ilegais na faculdade

arte de Daniel Vidor sobre foto de Davi Alcântara



DAVI ALCÂNTARA e
ROSANGELA COELHO

S eis da tarde. Sala de jogos do DACOM. Três alunos da comunicação jogam sinuca. Chega um quarto e avisa que chegou com uma "coisa boa". Pegam uma cerveja no bar e saem. "Fecham" uns dois baseados e fumam tranquilamente "a coisa boa" sentados num banco embaixo de uma árvore no pátio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social da UFRGS.

A "coisa boa" é a maconha e este comportamento se repete há anos nas dependências da faculdade. Os alunos trazem a droga de casa ou vão buscar em lugares próximos como a Vila Planetário ou na avenida Osvaldo Aranha. A maconha é a droga mais popular dentro da Fabico, talvez pelo preço de um "baseado" que custa R\$ 3,00, e é consumida livremente no pátio e no jardim de inverno.

A cocaína, embora de uso menos freqüente, também é utilizada. No semestre passado, um funcionário flagrou alunos em uma sala de aula numa sessão de "cheiração" da droga. O fato chegou ao conhecimento do diretor da Fabico Ricardo Schneiders que baixou uma portaria: manter, chaveadas todas as sa-

las em que não estiverem sendo ministradas aulas. "Quer fumar e cheirar vai pra casa, pra festa, onde quiser, mas dentro da Faculdade é um abuso!" reclama Schneiders. Apesar desta resolução, depoimentos de alunos revelam que o uso da cocaína continua em outras dependências da faculdade.

O ácido lisérgico (LSD), droga que teve seu auge nos anos sessenta,

onde era usado em larga escala pelos chamados hippies está de volta em todo o mundo. Na Fabico, é consumido principalmente em festas, por ser mais fácil de ingerir (é vendido em figurinhas) e ter um efeito alucinógeno quase instantâneo. O estudante de jornalismo LMJ diz que "quando a gente quer, liga pra um amigo que ele traz aqui mesmo na Faculdade".

Há cerca de dois anos, a Brigada

Militar recebeu uma denúncia de um morador das imediações da Faculdade reclamando que alguns rapazes estariam fumando maconha dentro do pátio e que não agüentavam o cheiro da erva. Atendendo ao chamado, a BM flagrou dois estudantes sentados ao lado do bar "puxando fumo" e tentou levar os alunos algemados. A diretora da Fabico na época, professora Ana Maria Dalla Zen, impediu a prisão, alegando que os policiais não tinham autoridade para invadir um espaço público federal. Somente a Polícia Federal tem propriedade para agir dentro dos prédios da UFRGS.

Provavelmente, valendo-se desta lei, os alunos têm mais tranquilidade para consumir tóxicos dentro da Faculdade. CB, aluno de 23 anos do curso de Jornalismo, fuma maconha desde os 16 anos escondido de seus pais. Diz que se eles descobrirem que é um usuário, a família entra em crise histérica. Por isso, nem pensar usar em casa: "fumo aqui na faculdade por que é um local tranquilo, seguro, depois vou pra aula, não influencio e não incomodo ninguém, todo mundo é adulto pra saber o que faz".

Consumo não começa aqui

Aluna do 2º semestre de publicidade diz que às vezes participa das "rodas de fumo" que acontecem no pátio da Fabico, mas afirma que o consumo de drogas não inicia aqui dentro, começa antes, no primeiro e no segundo graus. "Quando chega aqui, já é usuário".

De fato, esta opinião foi comprovada recentemente numa pesquisa feita pelo Centro Brasileiro de Informações sobre drogas psicotrópicas (Cebrid) da Escola Paulista de Medicina e divulgado na segunda semana de dezembro de 97 sendo manchete nos principais jornais do país. A pesquisa tem como objetivo avaliar o consumo de drogas ilícitas usadas por estudantes. O universo da pesquisa foi feito com 15 mil e 500 alunos de primeiro e segundo graus acima de 10 anos das capitais: Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio, São Paulo e Salvador. O dado, no mínimo instigante, foi a liderança de Porto Alegre no consumo de maconha e cocaína. Entre os estudantes porto-alegrenses (30,5%) já consumiram drogas, pelo menos uma vez.

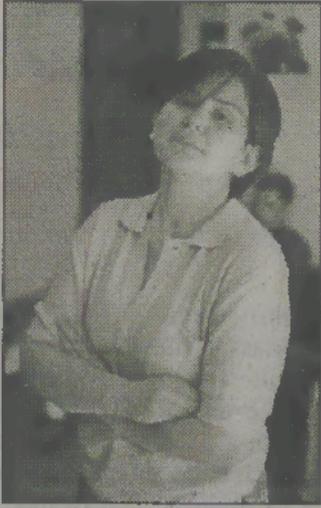
CRÔNICA

O careta, o colírio, o baseado e a Fabico

"Eu acho que já se tornou uma viagem sem rumo. O pessoal já perdeu o limite, o rumo da viagem e ninguém mais tá aproveitando o que está fazendo. Aqui dentro, nós estamos num ambiente público construindo o nosso conhecimento. Quem consome drogas deveria vincular isto ao seu ambiente pessoal, particular."

Ana Maria Bicca, estudante de Biblioteconomia

fotos Davi Alcântara



"O ato de consumir drogas é muito pessoal e só diz respeito a quem pratica. Acho que os que fumam e cheiram aqui no prédio assumem um risco. Eles têm que levar em conta que são minoria e que a maioria dos estudantes, que não fuma, sai prejudicada com essas atitudes".

Rodrigo Lagreca, estudante de Relações Públicas

"Pelo menos comigo, isto prejudicaria meu desempenho dentro da faculdade. O espaço aqui foi criado para ensino e pesquisa e eventualmente para se fazer alguma festa. Mas, tornar o consumo de drogas aqui dentro um hábito eu não considero uma atitude muito inteligente."

Denise de Rocchi, estudante de Jornalismo



"Cada um faz o que quer. Se o cara acha que fumar umas 'bauras' vai fazer ele superar algumas paranóias ou entrar em outras piores, o problema é dele. Aqui o ar é livre e ninguém vai se chapar com a fumaça dos que fumam. Ninguém está invadindo a liberdade do outro. Eu não forço ninguém a fumar e espero que ninguém queira me forçar a não fumar."

Rodrigo Souto, estudante de Publicidade e Propaganda



PAULO ANTUNES

Noventa e sete. Primeiro semestre. O inverno começa a mostrar a sua cara, mas naquela tarde ensolarada de quinta-feira ele não parece muito assustador. Como há muito não fazia saio da aula de Pesquisa em Comunicação e me permito uma hora, uma hora e meia, de relaxamento. Sento num dos bancos em frente à Faculdade, e me dedico a colocar a cabeça em ordem.

Penso em mais uma jornada de trabalho que terei de enfrentar no final do dia. E no Francisco Rüdiger (espécie em extinção: o último professor exigente), na prova que se aproxima, nos textos que ainda não li, tentando bolar uma estratégia fantástica para ser aprovado nesta cadeira. Mas o sol, as pessoas que entram e saem do prédio (que arquitetonicamente me parece ser o mais feio de todas as construções da UFRGS), o clima acadêmico, tudo me distrai. E tem aquela garota interessante. Ela é baixinha, tem cabelos castanhos. E os dois maiores e mais enigmáticos olhos azuis que já vi, emoldurados pelas sobrancelhas grossas. Gostaria de saber seu nome. Gostaria que ela passasse aqui na frente do meu banco de novo. E gostaria que aqueles olhos cruzassem os meus mais uma vez. Um colírio.

E sigo assim, paradoxalmente disperso e concentrado. Quando subitamente sou despertado por um odor incômodo que preenche o ar. Vem de um simpático grupo de estudantes que queima um inofen-

sivo baseado há alguns metros dali, indiferentes à minha presença, ao espaço público, à qualquer coisa.

Olho para um lado, depois outro, observando as pessoas que circulam em frente ao prédio (arquiteticamente horroroso). Todos seguem seus rumos, pouco ligando para o cheiro da maco-nha. Estranho. O único incomodado aqui sou eu? Serei o único que se importa com toda essa liberalidade em toda a Faculdade? Devo ser. Então serei um... careta? É triste ser careta. Mas devo ser. Tento me convencer do contrário. Digo a mim mesmo que acho que não tem problema algum que as pessoas fumem. Cada um faz o que quer. Mas ali? Ao ar livre, no Campus da UFRGS, propriedade do Serviço Público Federal, sem ninguém bater no meu ombro pra perguntar: "te importa que eu dê uma traga-dinha?" E tem o lado da

contravenção também. Todo mundo que passa por ali e vê aquele pessoal puxando fumo é de certa forma cúmplice de um grupo de contraventores. O Ricardo Schneiders, a tia da portaria. E eu também, putz! Careta e cúmplice. Tudo bem, nenhum PM ou segurança da Universidade vai entrar ali e me levar. Nem a eles.

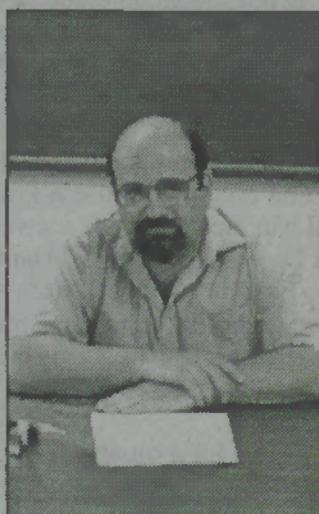
Meu pensamento careta passa a me enjoar. Larica existencial. Me levanto do banco, coloco a mochila nas costas e vou embora. Atrás de mim, o prédio da Faculdade (arquiteticamente grotesco) vai se afastando. E a minha garota dos olhos azuis? Deixa pra lá. Aquele pessoal ali atrás, pelo visto, precisa mais do colírio do que eu.



Paulo Antunes

"Cada um é livre para fazer o que quiser da sua vida desde que não complique a do outro. Este é um prédio público em que a comunidade coloca recursos para que os filhos sejam educados. Acho que esse ambiente não é lugar para consumo de drogas".

Mário Rocha, professor



PAREDÃO

Trinta anos de jornalismo em todos os meios. De repórter da Zero Hora a correspondente internacional da Globo, Geraldo Canali, 49, passou por todas as glórias e tropeços de exercer jornalismo em rádio, TV e jornal. Sobrevivendo às pontes aéreas São Paulo-Porto Alegre, concilia o sonho de viver e trabalhar aqui com a realidade de ter que buscar emprego no centro do país. Sem medo de falar dos governantes, ex-patrões e do ensino universitário, este cassado da ditadura militar no Brasil planeja contar a verdadeira história da TV no Rio Grande do Sul como projeto pessoal. Atualmente, ele trabalha na TV Bandeirantes em São Paulo e leciona na Fabico. (Luciano Medina)

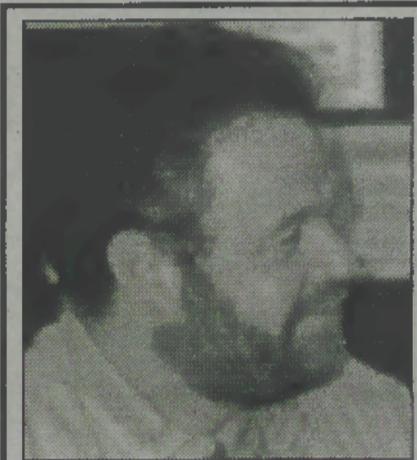
3X4 - Como é trabalhar em São Paulo e Porto Alegre ao mesmo tempo?

Canali - Eu moro em Porto Alegre e trabalho em São Paulo. Sou um cidadão de Porto Alegre, mesmo não sendo daqui tenho minhas raízes, e estou profissionalmente exilado em São Paulo. Na verdade eu passei pelas duas maiores empresas jornalísticas de Porto Alegre, praticamente as duas únicas empresas, e nas duas ficou estabelecido um processo alérgico. Não me sobrou muita alternativa profissional. Como se sabe não dá para viver com o que se ganha na Universidade mas é uma coisa que eu gosto, me envolvo, é um projeto pessoal antigo, que sempre existiu na minha cabeça. Eu era estudante ainda e já era monitor na faculdade. Na primeira oportunidade de concurso eu fiz, passei, cheguei a dar aula por um semestre e fui afastado por razões políticas da Universidade. O projeto acadêmico ficou latente quando veio a anistia e a redemocratização do país eu voltei. Só que a universidade que voltei a encontrar estava sucateada e limitada sob o ponto de vista de projeto pessoal e profissional. Eu levo a Universidade não exatamente como diletantismo mas com interesse. A receita é muito insignificante, então para viver eu tive que buscar uma alternativa fora.

3X4 - Você foi cassado?

Canali - Fui afastado da Universidade em 1973. Eu fiz concurso e tirei o pri-

meiro lugar. Na época eram muitos candidatos e uma vaga só, e eu conquistei esta vaga. Fiz política estudantil no período da ditadura e tive algumas entradas do Dops, a polícia política da época. Quando houve aqui o concurso, embora eu nunca tivesse sido processado, a minha ficha estava comprometida. Por casualidade o candidato que tirou segundo lugar tinha um bom vínculo com a universidade, por-



"A grande eficácia da universidade é a escola da vida, é o corredor."

que conhecia um cidadão que na época representava o SNI dentro da universidade, chamado Coronel Natalício, e houve então meu afastamento depois de um semestre.

3X4 - Como foi o afastamento?

Canali - Eu fui afastado e na verdade proibido de entrar na Universidade. Eu dei um semestre regularmente na UFRGS. O concurso foi em julho de 1973, eu comecei em agosto. Quando terminaram as aulas, no dia que eu ia aplicar a prova nos alunos eu fui barrado na entrada da faculdade. Nunca houve uma formalização, em 73 já tinha AI-5 mas não fui cassado formalmente. O que alegaram é que eu não havia cumprido todas as formalidades burocráticas para ser professor. Faltaria o atestado de idoneidade da Secretaria de Segurança Pública do qual o Dops é um departamento. O Dops não emitia o certificado se a Polícia Federal não me desse. Por sua vez a Polícia Federal esperava pelo certificado do Exército. Era a chamada "comunidade de informação" uma forma velada de cassação mas que de fato te impedia de trabalhar.

3X4 - Como foi a anistia?

Canali - Eu fui anistiado com a Constituição de 1988, artigo oitavo,

parágrafo segundo das disposições transitórias que previa exatamente este caso muito freqüente naquela época. Na hora exata em que estava sendo divulgada a promulgação eu estava com um rádio de pilha no gabinete do reitor pedindo minha anistia. Fui o primeiro brasileiro anistiado pela constituição de 1988 com base neste parágrafo. Voltei à Universidade e o decreto de anistia saiu no dia 31 de março do ano seguinte, no aniversário da ditadura e eu voltei a dar aula no outro ano.

3X4 - Há quanto tempo você faz jornalismo? Como você começou?

Canali - Eu vou completar profissionalmente 30 anos de jornalismo em junho do ano que vem. Parte de minha adolescência foi dentro de uma emissora de rádio no interior do estado. Quando era estudante de jornalismo, já era repórter free-lancer. Lembro certa vez estava com o gravador embaixo do braço e Vinícius de Moraes e o Rubem Braga estavam em Porto Alegre. Eu me meti e entrevistei os dois. Então passei a entrevista na Rádio Metrópole. Sempre fui muito medido. Profissionalmente eu comecei em 68 na Zero Hora, na Av. Sete de Setembro, na época era um jornalzinho.

3X4 - Você sente falta da mídia impressa?

Canali - Eu adoro mídia impressa. Aliás, a que eu mais gosto. Eu me sinto melhor com a mídia impressa e sinto falta. Mas até bem pouco tempo eu tinha contato porque eu tinha o meu jornal, que foi vendido, o Oi.

3X4 - Por que você vendeu o Oi?

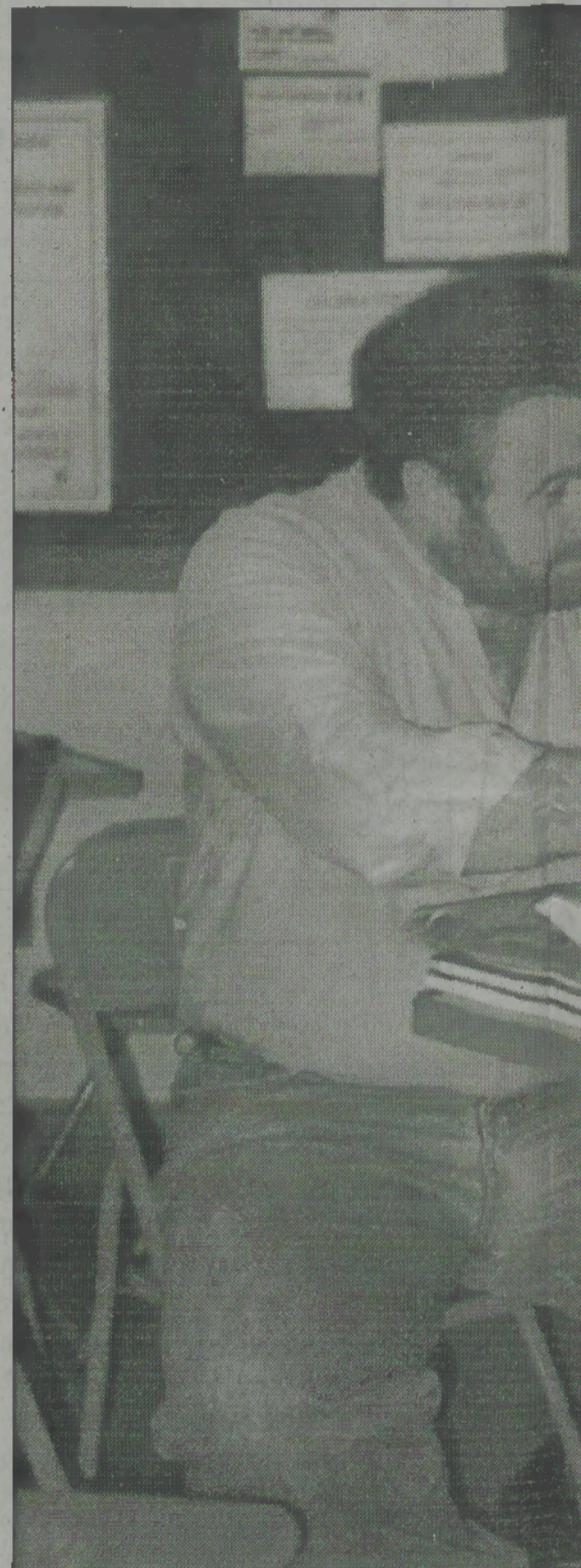
Canali - O Oi foi a solução para um período da minha vida em que eu não podia viajar pois tinha que criar meus filhos pequenos. Sem muitos parentes aqui eu precisei criar uma solução, então pensei num jornal que eu pudesse fazer em casa, a qualquer hora. Fiz uma experiência, lancei o número zero e acabei fazendo o jornal por um bom período. Só que os filhos cresceram e eu acabei vendendo o jornal este ano para o Helio Gama que é um jornalista do bairro. O escritório continua existindo mas só para a distribuição, não temos mais nada a ver com a parte editorial do jornal.

3X4 - Você se considera um pesquisador dentro da universidade?

Canali - Sou um professor que tem

O jornalista

O professor e pesquisador Geraldo Canali em rádio, TV e jornal, sobrevivendo à po



"Não dá para viver com o que se ganha na Un

interesse em pesquisa e que promove algumas ações de pesquisa. A Universidade não pode abrir mão da pesquisa. Ela é sobretudo um centro de pesquisa.

3X4 - Mas você não faz pesquisas da mesma forma que os demais professores da Comunicação.

Canali - Eu não sou alternativo, e também não sou um pesquisador ortodoxo. Talvez seja um pesquisador informal. Eu sou meio avesso as exigências metodológicas dentro da Universidade. Eu sei que são necessárias e sob ponto de vista acadêmico corretas. Acho também que existe um espaço para a recuperação de episódios da imigração do Rio Grande do Sul que estejam na memória mas

ta multimídia

Canali comemora 30 anos de Jornalismo em
o à ponte aérea Porto Alegre-São Paulo

fotos Guilherme Portanova



ha na Universidade mas é uma coisa que eu gosto"

ve
dade
la é
da
pres
bém
seja
ves-
o da
as e
cho
re-
Rio
mas

não organizados como registro. Fizemos isso com episódios no Correio do Povo, na TV Piratini, com a História da Pepsi mais recentemente. O próximo projeto é 40 anos de TV no Rio Grande do Sul que pretendo concluir em 1999, quando a TV Piratini faz 40 anos.

3X4 - Você usa bolsa do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa) ou da Fapergs (Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul)?

Canali - A minha experiência mostra que isso dá uma trabalhadeira danada. A burocracia dá muito trabalho, perde-se muito tempo e torna a pesquisa improdutiva. É necessário desburocratizar. A fiscalização do uso do

dinheiro dado para a pesquisa pode ser feita de forma eficiente mas a burocracia que está aí é complicadora e não estimuladora.

3X4 - O ensino na Fabico é bom?

Canali - A minha situação de tempo parcial na Universidade não me oferece um boa condição de fazer um avaliação da faculdade. O que vejo é que a transformação na área de comunicação é muito mais veloz do que a transformação da faculdade. A faculdade precisa passar por uma reforma curricular muito profunda. Não podemos mais falar em curso de jornalismo ou propaganda devemos falar em multimeios.

3X4 - Você é a favor da obrigatoriedade do diploma para o exercício de jornalismo?

Canali - Eu era até pouco tempo mas estou reformulando meu ponto de vista. A Universidade é uma necessidade do profissional e não do mercado. Hoje as facilidades da busca do conhecimento são tão grandes que você pode tranquilamente recolher numa fonte não formal as informações necessárias para você desenvolver seu ofício. Por exemplo numa Universidade virtual na Internet você pode buscar os conhecimentos. Claro, isso é uma relação fria, a Universidade é boa pois estabelece uma relação quente. Muito mais no corredor do que na sala. No convívio e no ambiente social é que a Universidade acontece uma vez que a busca de conhecimento pode ser feita de maneira informal.

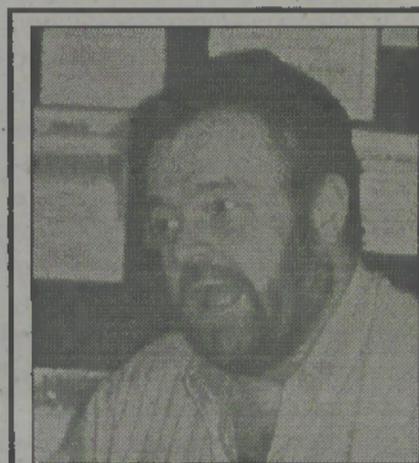
3X4 - Isso não seria uma inversão de valores ou de uma lógica de ensino "aprende-se na sala de aula"?

Canali - Não. Na verdade aquela é uma lógica histórica da universidade. Quantas gerações se queixam da qualidade do ensino na Universidade? A grande eficácia da universidade é a escola de vida, é o corredor. Sempre foi.

3X4 - Isto aqui na Fabico?

Canali - Em todas. Se você for a Faculdade de Medicina o processo de troca de informações nos corredores de pode ser mais eficaz do que na sala de anatomia. Também há queixas da baixa qualidade do ensino de medicina, direito, ou o que for. Prova disso é a necessidade de residência e teste da Associação Médica ou da Ordem dos Advogados. A necessidade crescente de especialização também é reflexo disto. A Universidade é muito mais um

local de efervescência cultural e amadurecimento de idéias do que um formador de conhecimento. Faça uma reflexão e veja se você não aprendeu mais da troca de informações entre os colegas no corredor, na biblioteca ou em um seminário, ou num convidado especial ou numa palestra do que na sala de aula. Precisamos prestar mais atenção a contribuição da Universi-



"A Universidade é uma necessidade do profissional e não do mercado"

dade na informalidade.

3X4 - Como você concilia as atividades na Fabico?

Canali - Como eu tenho 20 horas no meu contrato, dedico oito delas frente aos alunos e as horas restantes são usadas para esforço de pesquisa e outras atividades burocráticas da Universidade.

3X4 - Por que você não dá aula em estúdio, dedica-se mais?

Canali - Porque existe um limite muito grave: eu ganho 400 reais para dar aula aqui. É muito difícil dedicar-se mais pois não dá para viver com o que se ganha na Universidade. Eu gostaria de voltar para minha cidade e me dedicar mais, mas é impossível.

3X4 - E por que não trabalhar aqui, no jornalismo local?

Canali - O mercado aqui é pobre. O Rio Grande do Sul está um estado muito pobre. Nós vivemos uma *piauização* do Rio Grande. Hoje importamos feijão e tomate. É um escândalo o que se fez com nossa vocação agropecuária. Perdemos a diversidade da produção agrícola e estamos apostando num negócio extremamente robotizado, as montadoras de automóveis, pelo qual

pagamos caro.

3X4 - E isso se reflete no jornalismo?

Canali - Sim. Em toda a economia. E a Comunicação é a mais escandalosamente concentrada do país e talvez do mundo. O maior anunciante do país chama-se RBS e é o que menos paga anúncios, isto porque ela tem uma coleção de concessões cada vez mais impune e arrasadora do mercado e da própria economia do Estado. Estamos aqui passivos a ver este escândalo com a conivência do governo.

3X4 - Você trabalhou com o governador Antônio Britto?

Canali - O Antônio Britto foi meu aluno. Depois foi meu chefe na TV Gaúcha. Eu era chefe de reportagem da Zero Hora e ele me levou para a TV Gaúcha (atual RBS TV). Ele é um profissional muito ágil.

3X4 - Te surpreende um colega de trabalho ir para a política?

Canali - Antônio Britto é exemplo de uma geração que se serviu da mídia para se projetar pessoalmente. Como todo o cidadão ele tem direito, só que eu acho que são incompatíveis as atividades jornalística e política. E por um bom período ele exerceu. Isso é uma prepotência, absolutamente antiético.

3X4 - Como é possível este abuso?

Canali - Esta é mais uma manifestação do perfil telecrático da política brasileira. Terminou a ditadura militar mas permaneceu a estrutura globocrática, ou telecrática. Veja, o Congresso Nacional que está aí é, por baixo, 20% composto de representantes ou prepostos da mídia. O Congresso não tem o mínimo interesse em mudar o modelo que está estabelecido.

3X4 - Você é a favor da lei de imprensa?

Canali - Eu faço o discurso dos empresários. Não precisamos de nenhuma lei especial para a imprensa. Não vejo relação entre a Lei de Imprensa que querem aprovar e o processo telecrático.

Participaram da entrevista:

FELIPE BORTOLANZA
LUCIANO MEDINA
MARCEL FERREIRA
PAULO ANTUNES

A Fabico de chuteiras

Estudantes participaram do terceiro campeonato de futebol

ROSIMARA DE CÁSSIA

Futebol, mulher e rock'n roll. Esta é a resposta para quem achava que da Fabico saiam apenas bibliotecários, publicitários, jornalistas e relações públicas. Além de revelar profissionais das áreas descritas acima, a Fabico também vem revelando grandes craques do futebol.

Organizados pela Federação Fabicana de Futebol, a 3F, os campeonatos estão divertindo a comunidade acadêmica e, principalmente, integrando a Fabico com a Famecos e a Escola Técnica do Comércio da UFRGS.

No 1º Campeonato Brasileiro da Fabico quem fez a festa foi a Famecos. Tanto os meninos quanto as meninas provaram que são melhores, pelo menos no futebol. No campeonato masculino, a equipe do Juventus conquistou o título ao vencer por 3 a 0 o Cruzeiro, melhor time da Fabico. E na final do campeonato feminino a Fabico mais uma vez ficou de fora, e o título foi disputado entre o Juventus da Famecos e o Bangu da Escola Técnica do Comércio. Vitória, mais uma vez dos estudantes da PUC, que fizeram 1 a 0 no Bangu-ETC.

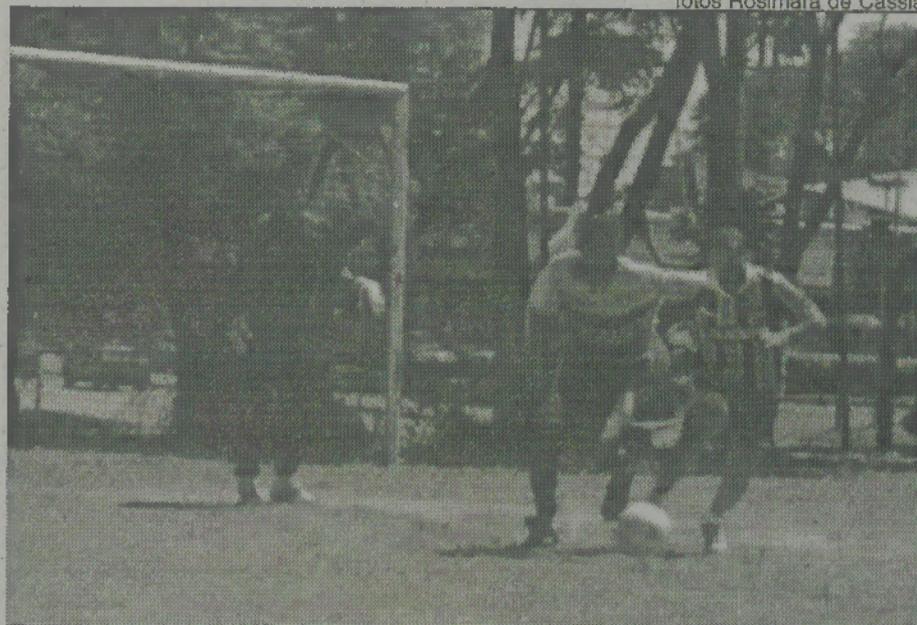
Brasileirão – Se patrocínio favorecesse um campeonato, o 1º Brasileiro da Fabico, patrocinado pela Inter Shop e pela Verdi Design, teria sido um sucesso. Mas o que era para ter começado bem, devido à experiência adquirida com os dois Gauchões, o Campeonato Brasileiro acabou sendo uma dor de cabeça tanto para os jogadores quanto para a comissão organizadora. O atraso de uma semana, a falta de um local para realizar as partidas e a arbitragem prejudicaram

os primeiros jogos, que foram realizados na Escola Superior de Educação Física da UFRGS (Eséf). A maioria dos jogadores ficaram insatisfeitos com a falta de organização do campeonato. "Se não dava para ser na Eséf então que fosse em outro lugar, o que não dá é para começar um campeonato sem campo", reclamou Diego, jogador do Bangu-ETC, atribuindo a desorganização à 3F, logo no primeiro dia de Campeonato.

A Federação Fabicana de Futebol reconheceu o sacrifício enfrentado pelos jogadores, mas alegou que os colegas poderiam ter sido um pouco mais compreensivos, já que muitos imprevistos contribuíram para desorganização. "No momento do contrato, o pessoal da Eséf havia garantido serviços de goleiras, redes e campo pintado, e no fim a 3F teve que desembolsar dinheiro para pagar aluguel, transporte de traves, e os jogadores ainda tiveram que marcar o campo", explica Carlos Marques, um dos organizadores do campeonato.

A idéia de transferir os jogos para o campo do Corpo de Bombeiros, surgiu a partir do momento em que as críticas precisavam ser abafadas por soluções rápidas e viáveis. Com o objetivo de aliviar a tal crise, o jogador do Cruzeiro, Marcelo Rodrigues, foi quem sugeriu para a 3F a mudança dos jogos para o Corpo de Bombeiros. A mudança não só beneficiou os jogadores como também os bombeiros, já que o valor estabelecido, R\$ 450,00, foi revertido em novas mangueiras para os carros.

Com um campo mais acessível e menos burocracia, o campeonato seguiu em frente. Segundo Carlos Marques a mudança de local foi mais que benéfica, as reclamações pararam



fotos Rosimara de Cássia

Os jogos foram realizados no campo do Corpo de Bombeiros

e até o público aumentou. Mas outros problemas ainda persistiram, como a falta de árbitro e o não cumprimento dos horários dos jogos de alguns times. "Esse campeonato poderia ter sido melhor se não fosse a organização horrível", reclamou o jogador do Juventus/Famecos, Gilberto Requene, ao se referir à ausência de árbitros e a falta de comunicação da comissão com os times, já que um dos jogos do Juventus teve a data alterada e os jogadores não foram avisados.

Mulheres em campo – A novidade neste campeonato foi a presença dos times femininos, que participaram em grande escala. A Fabico entrou com quatro equipes, Grêmio, Inter, Moto Clube e Payssandu. A Famecos foi representada pelo Juventus e a Escola Técnica pelo Bangu. A performance dos seis times até que foi boa, com exceção do Payssandu, que levou duas goleadas durante o torneio. Mas mesmo com a Fabico de fora da final, as meninas se integraram e colocaram abaixo aquela velha guerra: Fabico x Famecos. "Apesar de tudo, foi legal, devido a integração com outras escolas", afirmou Carina Sperb, jogadora do Inter. "Só o fato de seis times femininos terem participado, já foi o máximo", lembrou a jogadora do Grêmio, Carla Tosta. "Como de costume foi muito desorganizado, mas isso já faz parte", brinca.

Recapitulando – O primeiro campeonato organizado pela 3F foi o Gauchão 96, realizado no Sesc Campestre, que garantiu ao time do Juventude a primeiríssima posição. Graças ao sucesso do primeiro campeonato, foi possível organizar o Gauchão 97, realizado no campo do Colégio de Aplicação, no Campus do

Vale, que teve até um grenal preliminar feminino onde Grêmio goleou por 6 a 1 o Internacional.

Mas o campeonato terminou em ritmo de violência. Ypiranga de Erechim e Internacional foram desclassificados em plena final, devido a uma briga entre integrantes das duas equipes, o que garantiu ao Santo Ângelo a medalha de ouro. O segundo lugar ficou com o Santanense e o terceiro com o Brasil de Pelotas. Mas no final quem acabou levando a taça foi o Ypiranga de Erechim, graças ao seu goleiro, Dariano Bramatti, que roubou o prêmio em pleno bar da Fabico. Por causa disto, o time foi proibido de participar este semestre do 1º Campeonato Brasileiro de Futebol Sete.

Que o pessoal gosta de jogar bola, disso ninguém pode discordar. No último dia do campeonato, além das semifinais e finais feminino, final masculino, também teve a Super Copa dos Campeões da Fabico, que colocou em campo novamente o Juventude (Gauchão/96) e o Santo Ângelo (Gauchão/97). O campeonato foi para o Santo Ângelo, que conquistou desta vez seu título em campo.

Apesar da final ter recebido a presença de um certo público que só compareceu na esperança de que rolasse alguma briga entre os finalistas Cruzeiro e Juventus da Famecos, o campeonato terminou bem.

Para a 3F, o objetivo também foi cumprido e já é anunciado para 98 a Copa do Mundo ou a Libertadores da América. As meninas também já confirmam sua participação. Em caso de Copa do Mundo elas já anunciam a presença da Jamaica. Para quem achava que mulher não entende nada de futebol esta é a prova de que elas sabem e muito.



Seis equipes femininas participaram do torneio

fotos Rosimara de Cássia



Os atletas criticaram a organização do campeonato

O campeonato em números

Veja como ficou a classificação final do Campeonato Brasileiro da Fabico

Masculino	Feminino
1º Juventus - Famecos	Juventus - Famecos
2º Cruzeiro - Fabico	Bangu - ETC
3º Bangu - ETC	Grêmio/Inter - Fabico

Artilharia:

Rafael, 12 gols
Bangu - ETC

Tamara, 5 gols
Juventus - Famecos

Goleiro menos vazado:

Alexandré, 6 gols
Juventus - Famecos

Jogador Revelação:

Flávio
Inter - Fabico

Melhor Jogador:

Rodrigo
Inter - Fabico



Times da Escola Técnica e da Famecos participaram da competição



Elas...

MARCO SOUZA

O inglês que inventou o futebol jogava de sapato e usava carpim, retratam os livros. Era provavelmente abençoado. Nem tão abençoado quanto o alemão que inventou a cerveja, mas que era abençoado era. Afinal, inventar o esporte que varre o mundo não é coisa para qualquer inglês. Se sabe pouco sobre o tal inventor. Não se sabe, por exemplo, se ele pensou o esporte para os homens ou para as mulheres. Enfim, se pensou só para eles, era gay. Se pensou também para elas, era realmente abençoado. Não tanto quanto o colega alemão, mas que era abençoado era.

As mulheres quando correm atrás da bola são, como em tudo que fazem, insuperáveis. Criam novos deslocamentos, sugerem novas regras, desafiam certas leis da física

e sobretudo: encantam. Elas são superiores. O batizado Brasileirão da Fabico ofereceu aos olhos do mundo grandes clássicos. Fabicanas, Famecanas e ninfetas da Escola Técnica fizeram a alegria dos espectadores. Jogaram como craques e atuaram como deusas.

Naquelas tardes outros valores estavam em jogo. O cenário parecia ser exatamente o mesmo de outras tantas partidas, mas não era. Desta vez, lá estavam elas. Cabelos longos, belas formas, pouca familiaridade com regras e muita, muita vontade de vencer. Correram, lutaram e, sobretudo, se divertiram. Se o tal inglês, que jogava de sapato e usava carpim, fez o esporte pensando nelas, isso pouco importa. Deus fez uma a uma pensado em nós, e isso, graças a ele, é o que importa.



Terra de Educar vira campo de batalha

Uma escola no Interior traz para o meio acadêmico a discussão sobre a ética no Jornalismo

ANDRÉA PELC PRESTES

O painel-debate "Uma experiência no meio rural e suas distorções no meio urbano" trouxe para o conhecimento de professores e alunos da Fabico o projeto Terra de Educar. Os objetivos do encontro eram trazer informações sobre o projeto de extensão desenvolvido na escola Uma Terra de Educar e discutir como esta experiência repercutiu na mídia. A discussão ficou concentrada no episódio gerador do encontro: um programa apresentado por Rogério Mendelski, na Rádio Gaúcha, trazendo a denúncia de que a escola seria uma "escola de guerrilha do MST".

A acusação – A abertura do painel-debate foi a reprodução do programa que deu origem à polêmica. São quase 20 minutos em que o jornalista Rogério Mendelski divulga como notícia um fato não comprovado: "Existência de escola de guerrilha do MST do RS". "Há documentos", insiste o locutor. Porém, a única prova apresentada pelo apresentador é uma carta enviada ao seu programa com a denúncia.

A carta do dia 16 de agosto de 1997 é lida por Rogério Mendelski frase a frase. Começa situando a Escola Uma Terra de Educar na "pequena e pacata cidade de Braga". Porém, segundo o autor da denúncia, a paz fora sacudida pela "cultura do ódio, que só encontra precedente nos recentes exemplos do Camboja, Angola e Ruanda." Segundo o autor da carta, a segurança da escola seria maior que a de um quartel do exército. Além disso, a correspondência lista os cursos que seriam promovidos na escola: "Técnicas para fazer Armadilhas Anti-pessoais" e "Confecção de Armas Artesanais", entre outros.

Para trazer um depoimento oficial, Mendelski entrevistou o prefeito de Braga, Juarez Melo, no mesmo programa. Inicialmente, o prefeito descreve a escola, destacando a infra-estrutura (três prédios com três andares cada, mais igreja, com refeitório, dormitório, campo de futebol) além do regime de internato adotado. No final do programa, Juarez Melo ressalta a desconfiança da população local: "Os pais tinham uma certa preocupação porque os alunos saem da escola com uma visão totalmente diferente. Não para o mal, mas há uma evolução muito grande." Ele ainda afirma que técnicos da Emater estão conseguindo um entrosamento na parte agrícola da escola e finaliza: "Está havendo uma abertura e um entendimento, além de um grande investimento aqui no município." Mesmo assim, o apresentador continua a citar Terra de Educar como uma escola de guerrilha.



Paulo Antunes

A defesa – "Não existem e nunca existiram estes cursos na escola", enfatiza a professora Cecília Bernardi logo após ouvir o programa. "A escola é registrada e está aberta para o pessoal conhecer, visitar e trabalhar conosco", completa. Cecília Bernardi é engenheira agrônoma e, atualmente, trabalha na Terra de Educar.

A escola tem outros defensores. O professor Sebastião Pinheiro, especialista em Educação Ambiental, apresentou para a platéia o convênio da UFRGS com a Fundep da Região Ceilero (Fundação de Desenvolvimento, Educação e Pesquisa), a instituição mantenedora da escola. Estudantes de Pedagogia, Enfermagem, Medicina, Agronomia, Veterinária e Comunicação da UFRGS,

"Será uma vitória se não saírem da Fabico jornalistas como o Mendelski"
professora Christa Berger

orientados por professores, atuam diretamente na Terra de Educar. O convênio prevê ações em consultoria e assessoria, como realização de cursos e acompanhamento de projetos nas áreas de Produção, Saúde e Educação.

O regime de internato realmente é utilizado na escola. O estudante permanece dois meses na escola e dois meses na comunidade, alternadamente, durante todo o curso, com o objetivo de não perder vínculo com o meio rural. Esta é a chamada Pedagogia da Alternância, um processo adotado na França, Itália e Estados Unidos, que considera a família como a unidade básica. Este sistema possibilita uma eficiente disseminação de informações. Na escola, o indivíduo é aluno e adquire conhecimento. Quando volta para sua comunidade, ensinando o que aprendeu, ele torna-se professor. "Em ambas as situações ele é um entrave ao consumismo e à descaracterização cultural que o mercado globalizado anseia", defende Pinheiro.

Realidade – A escola, é mantida pelo Departamento de Educação Rural da Fundep, pela cobrança de mensalidades e por contribuições de entidades. A Fundep foi fundada pelos movimentos sociais rurais com o objetivo inicial de formar professores para atender a demanda de assentamentos e comunidades rurais. Atualmente, desenvolve os seguintes cursos, registrados no Conselho Estadual de Educação: Curso Supletivo de 2º grau Qualificação Técnico em Agropecuária; Curso Supletivo de 1º grau Agentes de Desenvolvimento Rural, Magistério de Férias e Qualificação Profissional em Auxiliar de Enfermagem.

"Na Terra de Educar, temos o objetivo de proporcionar aos filhos de agricultores e familiares o acesso ao conhecimento universalmente acumulado, a partir do resgate do saber local das comunidades agrícolas", resume a professora Cecília Bernardi. Atualmente, 170 alunos estudam na Escola Uma Terra de Educar. Os cursos são em regime supletivo intensivo, por isso duram apenas dois anos. No período em que ficam na escola, o tempo dos estudantes é totalmente aproveitado. Na Terra de Educar, são ministradas disciplinas do currículo comum e um núcleo de disciplinas específicas conforme a ênfase do curso.

Mas o grande diferencial da escola é que as aulas estão relacionadas com a realidade da agricultura familiar. "Nas aulas de química, os alunos não se limitam a olhar a tabela periódica: eles estudam os componentes químicos do leite, por exemplo, fazendo experiências para determinar acidez, observando as reações que vão lhes embasar para trabalhar no meio rural", explica Cecília Bernar-

di. Assim acontece em todas as outras disciplinas. E além das aulas tradicionais, são programadas atividades extra-curriculares como exibição de vídeos educativos, cursos de computação e de datilografia, oficinas de arte e de teatro, seminários e visitas a experiências agropecuárias.

Debate – A grande discussão que restou foi a do papel do jornalista. Até que ponto o imediatismo do rádio, por exemplo, interfere na elaboração de um programa como o de Rogério Mendelski? O sensacionalismo é responsabilidade do jornalista que esquenta a informação ou é culpa do ouvinte que dá audiência a programas com esta característica?

José Fonseca, representante do Núcleo dos Ecojornalistas no painel-debate, afirma: "é um programa não só fantasioso, mas cheio de perigos." É alerta para a irresponsabilidade de divulgar uma notícia sem apurar o fato: "um noticiário baseado no 'ouvir falar'".

Christa Berger, professora da Fabico, acrescenta: "Já vai ser uma vitória se não saírem da nossa escola jornalistas como o Mendelski". Além disso, a professora lamenta a concentração dos canais de comunicação em um só grupo no Rio Grande do Sul, o que limita a divulgação de projetos com o Terra de Educar.

"Devemos analisar os programas que chocam pelo ridículo e pela afronta à cidadania. Não é algo fútil. É algo muito mais que a vontade de um jornalista ou de um apresentador, assalariados, trabalhadores. Ele é fruto da organização de uma equipe de produção, de um patrocinador em sintonia com a vontade política do dono da concessão", define Sebastião Pinheiro. "98% daquilo que tá na imprensa sobre o MST não é verdade", declara Dionísio Marcon, representante do MST. Outra questão importante é o espaço restrito que o meio rural possui na imprensa. Para ilustrar, Marcon lembra o dia em que a RBS deu chamada e uns bons minutos para a história da égua que havia parido no meio da rua. E se pergunta: "por que a TV não dá destaque para reforma agrária ou educação rural?" Marcon resume: "jornalista é uma raça braba."

No final, ficou a sugestão de acionar judicialmente o programa, feita pelo jornalista José Fonseca. "É preciso utilizar nosso sistema judiciário, que está agonizante, mas que, de alguma forma, ainda existe. Mesmo sabendo que vai dar em nada", sugere. Mas o MST já havia tomado as devidas providências. Uma ação judicial por calúnia e difamação já está em primeira instância. Esta vai ser a verdadeira batalha para Dionísio Marcon.

ARTIGO

O papel do livro

ANDRÉA PELC PRESTES

Ninguém mais cai nessa história de que o livro vai acabar. O mercado editorial indica o contrário: a quantidade de obras impressas continua crescendo em escala mundial. As feiras do livro de todo o mundo, ao lado dos livreiros, comprovam: o público leitor vai às compras. Por isso, não venha com essa de novo. Nós, porto-alegrenses, conhecemos uma feira do livro bem de perto. Todo ano tem. E sempre é um sucesso renovado. Só pra ilustrar, esta 43ª Feira do Livro de Porto Alegre fechou com 325 mil exemplares vendidos.

Alguns tomam a invenção do CD-ROM como uma ameaça à sobrevivência do livro. Pense: quem tem ou poderá ter acesso a um computador neste nosso Brasil? Uma minoria, sem dúvida. Mas isto não é tudo. Tem a facilidade de transporte: alguns exemplares cabem no bolso e todos podem ser lidos na praça, no ônibus. Tem a característica de interferência: você pode fazer suas próprias notas de rodapé naquele livro técnico ou sublinhar os melhores trechos daquele romance.

Mas, o motivo mais convincente, pelo menos para os amantes dos livros, é bem mais subjetivo. Tente imaginar a substituição de sua biblioteca particular por uma montanha de caixinhas de CDs. Estas caixinhas podem impressionar através do contato visual — uma capa bem feita ou um CD com impressões criativas. Mas estas frias embalagens de plástico não podem encantar pelo toque de suas páginas ou pelo cheirinho de tinta-mais-papel. Tato e olfato o CD-ROM não pode nos dar. Muito menos aquela dedicatória que recebemos do autor da história ou da pessoa que nos presenteou com este objeto tão especial. Isto não é nostalgia. Não sou tão velha assim. Já passei de duas décadas, e o que é que tem? Mas o encanto dos livros já preenche estantes em minha vida.

Muito bem. Já entramos em acordo de que o livro tem uma produção crescente, é portátil, versátil e tem ardorosos defensores pelo mundo afora. Portanto, não conseguimos enxergar daqui, do alto do ano de 1997, o fim do livro. Mas há um perigo: o fim do papel. Sim, aquele material que usamos para escrever, desenhar, rabiscar, nem sempre bem aproveitado e poucas vezes reciclado.

Num certo país da África, ninguém escreve. E não é porque a população seja 100% analfabeta. É porque não existe mais papel. As crianças vão à escola e tentam aprender tudo de cabeça. Algumas empresas jornalísticas já tiveram que racionar páginas e encartes por causa da escassez de papel.

Tudo isso está acontecendo agora. Não são previsões de algum futurólogo pessimista. Com o desmatamento e as queimadas, cada vez mais aterrorizamos o futuro de todo tipo de vida no planeta. Neste ritmo de destruição, muitas espécies vegetais e animais serão extintas sem terem sido estudadas pela Ciência. Não seria de se espantar se a matéria-prima do papel se esgotasse.

Que saída teríamos? Os antigos nos dão algumas dicas.

1) **O barro:** vasos e lajotas eram marcados por sinais antes de secar ao sol na Mesopotâmia. Convenhamos que não é nada prático escrever em argila mole com um pauzinho qualquer. Além de que os livros seriam extremamente pesados.

2) **A seda:** muito a.C., os chineses utilizavam a seda como suporte para a escrita. Naquela época, o material era muito caro. Por isso, era utilizado em edições de luxo de textos breves. Financeiramente inviável nos dias de hoje.

3) **O pergaminho:** Foi o suporte usado pela humanidade por mais de 20 séculos. Era feito de couro cru esticado de animais como boi, carneiro, cavalo, porco e veado. Mas além do sacrifício de milhares de animais, seríamos obrigados a conviver com o mau cheiro de centenas de curtumes espalhados pelo planeta para atender à demanda mundial. Um fedor só.

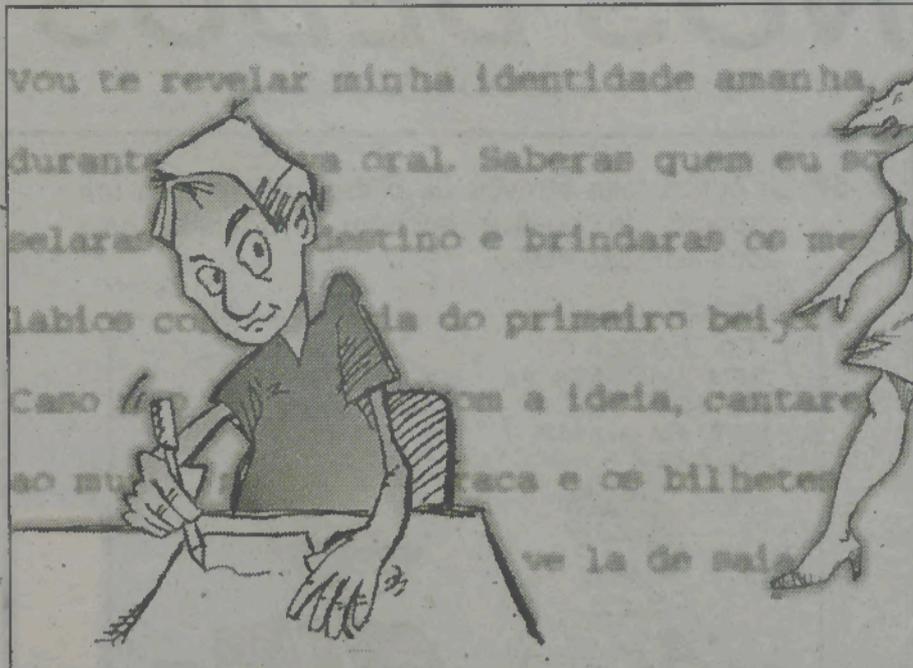
Olhando para os dias de hoje, encontramos outras alternativas. Talvez a solução seja um material mais *high tech*: o plástico. Não... Um livro de plástico, páginas molengas... Ao menos seria fácil lavá-lo. Quem sabe alumínio? Isopor? Nylon?... Pensando bem, o melhor é cuidarmos das nossas reservas de fibra vegetal.

Tente imaginar todos os cadernos, revistas, embalagens, panfletos, envelopes, rascunhos, notas fiscais, blocos que a população do planeta inteiro utiliza a cada dia. Haja celulose. E nem falamos nos livros. São amontoados de papel que, na maioria das vezes, não é reaproveitado. Até o computador, ultra-digital, super-virtual, precisa de papel. Quem encontra um texto na Internet, razoavelmente extenso, não pensa duas vezes em imprimir tudo aquilo. Afinal, haja boa visão e postura correta para passar horas lendo a tela do computador.

Nada como o bom e velho livro, não é? Por isso, reciclar e reaproveitar nunca é demais. Às vezes podemos escrever na frente e no verso de uma folha de papel sem prejuízo (folhas impressas em uma só face, que não interessam mais, podem virar um bloco de rascunho). Sem falar que, pelo menos em Porto Alegre, temos um sistema de coleta seletiva que atende a muitos bairros. É aquela velha história: "se cada um fizer a sua parte..."

CRÔNICA

José Antonio Borba



O poder da palavra

FELIPE BORTOLANZA

Amadeu era um aluno exemplar. Cursava a oitava série e já sabia o que queria ser: poeta profissional. Não foi difícil escolher esse destino, ainda mais tendo aula de química com a professora Brigitte. Amadeu viu nela sua musa inspiradora: lábios de mercúrio, cabelos cor de ouro, olhos da cor de esmeralda.

Brigitte tinha quase dez anos de magistério. Ela já sabia do alvoroço que causava quando vinha dar aula de minissaia. Os alunos se jogavam no chão para ajuntar um lápis derrubado propositalmente. Enquanto isso, Amadeu não sentia a necessidade de exteriorizar esses devaneios da puberdade. Decorava a tabela periódica e ensaiava suas poesias em segredo, certo de que seu comportamento agradava a sua musa.

Todo dia a professora achava uma poesia dentro da sua gaveta. Anônima e datilografada. Amadeu pensava em tudo — Brigitte conhecia a sua letra. Apesar de todo seu esforço, ela não imaginava quem poderia ser o autor de tão belas palavras. Ele, não imaginava uma resposta tão rápida e tão animadora. Quando foi levar a poesia numa sexta-feira, encontrou na gaveta dela um bilhete endereçado "ao poeta".

Amadeu pegou o bilhete e correu para o banheiro da escola. Ainda tremendo, leu: "Não suporto mais este mistério. Vivo numa triste solidão, meu noivo me deixou e estou muito ansiosa para te conhecer. Me encontre hoje no cinema na sessão das oito, segunda fila poltrona seis. Te espero, Brigitte".

A inocência da professora chocou Amadeu. Era lógico que ele desejava um encontro com a professora, mas o seu plano era diferente. Mesmo assim foi ao cinema e sentou na última fila. De lá, assistiu a aflição da professora à sua espera. Nunca sentira um prazer igual. Antes do fim do filme, Brigitte saiu da sala. Chorando.

No outro dia, ele colocou mais uma poesia na gaveta. Não estava arrependido do que fez, porque começava a acreditar no poder de sua palavra, na sedução de seus versos. Não tardou aparecer outro bilhete "ao poeta". Desta vez Brigitte se mostrou mais decidida: "Não sei mais o que fazer. Eu preciso de uma definição. Não me importa se és feio, gordo ou casado. Minha curiosidade me apaixonou. Marque um encontro urgente. Beijos, Brigitte".

Amadeu não acreditava no que estava lendo. Na sua última poesia para Brigitte escreveu: "Vou te revelar minha identidade amanhã, durante a prova oral. Saberás quem eu sou, selarás o meu destino e brindarás os meus lábios com a glória do primeiro beijo. Caso não concordes com a idéia, cantarei ao mundo minha desgraça e os bilhetes que de ti recebi. Quero vê-la de saia longa amanhã. Seu poeta."

Brigitte não dormiu à noite. Seu poeta era um aluno. Uma química diferente tomou conta de seu corpo. Pensou em cada um deles e só então decifrou a charada — Amadeu era o único que não se exaltava ao vê-la de minissaia. Amadeu não estudou para a prova. Ele já sabia que sua musa o descobriria. E notou no olhar da professora o pavor de quem sabe que está enfeitiçada. Foi o segundo momento de maior prazer em sua vida.

A prova oral era por ordem da chamada e Amadeu era o primeiro nome. Brigitte chamou seu poeta. Toda turma calou diante da pergunta:

— Por que me pedes um beijo?

Agora, restava para Amadeu declamar o último verso de seu plano. Sem hesitar, disparou:

— É o meu diploma de poeta profissional.

Hoje, depois de concluir o segundo grau, todos os teste vocacionais apontam o futuro de Amadeu para uma só profissão: o Jornalismo.

Amadeu já conhece o poder de sua palavra.

NOS DEDOS

Por PAULO ANTUNES

68. A crítica feita através da charge refere-se a um aspecto da política econômica adotada pela administração FHC.



(Fonte: Imprensa, nº 20, setembro 1997, p. 86.)

Leia as afirmações abaixo sobre a administração FHC.

- I - A administração FHC tem privilegiado a abertura e a desnacionalização da economia do País, a privatização do setor público e uma política de compressão dos salários do funcionalismo público federal.
- II - O governo FHC nega ser um governo de perfil neoliberal e justifica a política de desmantelamento do setor estatal com o discurso da necessidade de modernizar a economia brasileira como condição para inserir-se competitivamente no processo de globalização.
- III - O sucesso do Plano Real e o processo de privatização da economia provocaram sensíveis melhorias sociais junto às massas dos excluídos do campo, esvaziando quase por completo a luta política dos movimentos sociais organizados no meio rural.

Quais estão corretas?

- (A) Apenas I
- (B) Apenas II
- (C) Apenas I e II
- (D) Apenas II e III
- (E) I, II e III

A molecagem da UFRGS

O Concurso Vestibular 98 da UFRGS ganhou espaço na imprensa nacional e chegou a ecoar nas altas cúpulas do Governo Federal. Infelizmente por nenhum motivo que venha a orgulhar a comunidade acadêmica: Através da questão 68 da prova de História (acima), os idealizadores do vestibular exigiram dos alunos a interpretação crítica de diversos aspectos da política econômica do Governo FHC. Acertou somente quem estava ideologicamente alinhado com o pensamento dos organizadores da prova? A reitoria diz que não, que a questão não tem nada de ideológica e reflete apenas fatos da realidade nacional.

Na pior das hipóteses, no entanto, a banca da prova de História usou a prova como veículo para disseminar suas críticas em relação ao Governo. Uma molecagem, incompatível com o nome e a seriedade que se espera de uma das mais tradicionais instituições de ensino brasileiras.

Acabou a brincadeira! Por um semestre (e claro, um belo pedaço do verão fechando esta terceira edição) nos estressamos, correndo atrás do que era inesperado e surpreendente no dia-a-dia fabricano. Às vezes parecia que não acontecia nada por aqui. Outras horas faltou espaço para tanto assunto. Felizmente, junto com o esforço veio a diversão. E as ameaças, discussões e polêmicas. E aprendemos mais algumas coisinhas sobre jornalismo, que afinal era o objetivo primordial. Fica aqui a nossa intenção de uma Fabico mais agitada, com alunos e professores menos ignorantes e mais bem-humorados, e onde o trabalho produzido aqui seja valorizado independente do bláblá do ensino sucateado. A proposta era essa. Que venham os próximos.

FOTO LEGENDA

Acredite. Este sujeito barbudo, com cara de arquiinimigo do Popeye, é um dos fundadores da rádio Ipanema FM. Hoje, muitos anos depois e bem melhor alinhado, **Isaías Porto** é o responsável pelas cadeiras de radiojornalismo da UFRGS.



foto reprodução

DIREITO DE RESPOSTA

Em dezembro de 1997, a professora **Marília Levacov** colocou no mural da faculdade o manifesto *Nas Patas*, respondendo um texto desta coluna quanto ao fato de sua cadelinha chamada **Ana** usar um crachá da UFRGS na Feira do Livro. Defesa a parte a professora cometeu um equívoco dizendo que o jornal não possuía um espaço para se defender das críticas. O espaço sempre esteve aberto, mas os redatores do jornal jamais foram procurados pela professora.

PROMESSA CUMPRIDA

Em entrevista para o *Paredão* na última edição do **3X4**, o chefe do Departamento de Comunicação **Rubens Weyne** prometeu melhoras nas confusas grades de horários e uma maior oferta de cadeiras opcionais. A promessa foi cumprida. Neste semestre foram oferecidas 28 cadeiras opcionais. A primeira grade de horários do segundo semestre de 1997 oferecia apenas 21 cadeiras.

DISCURSOS E DISCURSOS

Existem dois tipos de formatura. A da Fabico e as outras. Só na Comunicação da UFRGS o paraninfo conta uma piada no lugar do tradicional discurso. Foi o que fez o jornalista e cartunista **Iotti** na cerimônia do último dia 22 de janeiro. Ao menos o criador do Radicci divertiu o público. Ao contrário da reitora **Wrana Panizzi** que fez um longo pronunciamento semi-improvisado, onde resolveu citar alguns poucos formandos. Todos aqueles que defenderam a Universidade Pública no microfone foram elogiosamente lembrados no discurso da reitora.

UM ESCLARECIMENTO

OS ESCONDIDOS

Estas linhas são escritas para tentar fazer uma reparação na entrevista do **Três por Quatro** onde resolvi falar em professores que se escondem. Naquele momento pensava em dois tipos de professores. Uns são aqueles que inventam o possível e o impossível para não darem aulas, para não assumir encargos burocráticos. Os segundos são aqueles que pela necessidade de assumir a burocracia na Universidade ficam ocupados e acabam assumindo poucas disciplinas, tendo pouco contato com os alunos, e confesso que como chefe de departamento tenho vergonha de pedir que dêem mais um minuto de aula. É óbvio que os nomes que aparecem na entrevista se referem a este segundo grupo, além de mais alguns que não vou citar para não criar mais confusão.

– Rubens Constantino Volpe Weyne.